

Dr. Robert A. Peterson, Salvação, Sessão 4, Eleição

© 2024 Robert Peterson e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Robert Peterson e seu ensinamento sobre salvação. Esta é a sessão 4, Eleição.

Continuamos nossas palestras sobre salvação.

Vamos começar com uma palavra de oração. Pai gracioso, nós te agradecemos por sua graça soberana, que nos escolheu, nos atraiu, nos salvou, nos guarda e nos levará em segurança para casa. Faça-nos mais gratos.

Faça-nos mais santos e amorosos, nós oramos, por Jesus Cristo, o mediador. Amém. Passamos para a doutrina da eleição e nosso primeiro tema aqui é nosso primeiro tópico, subtópico, é teologia histórica.

Depois disso, queremos estudar uma teologia sistemática da eleição, e para fazer isso bem, precisamos trabalhar com Agostinho e Pelágio na igreja primitiva. Martinho Lutero, João Calvino, Armínio e o Sínodo de Dort, e então mais recentemente Spurgeon e os hiperistas . Uma história incrível.

Meu ditado usado em demasia é que Deus dá os dons. Ele os deu a Spurgeon como alguém em seus 20 e poucos anos em Londres em um contexto de batistas calvinistas, e ele era o garoto entre esses homens, velho o suficiente para ser seu pai, e eles eram hipercalvinistas, e ele os resistiu com a graça da Palavra de Deus e, eventualmente, venceu. História incrível, uma história incrível de fato.

Eleição, Deus escolhendo pessoas para a salvação, reconhecimento histórico, Agostinho e Pelágio. As raízes históricas dos debates sobre predestinação remontam ao bispo norte-africano Agostinho de Hipona, Aurélio Agostinho de Hipona, de 354 a 430, e ao moralista britânico Pelágio. Mencionei a conversão de Agostinho anteriormente.

Ele era filho de uma mulher cristã chamada Monica, que orava por ele todos os dias. Ele tinha uma concubina, certamente não estava vivendo para o Senhor, e nem sequer fez uma profissão cristã, eu acho. Ele estava nos fundos de sua casa em um jardim, e de alguma forma, em um pilar, havia uma Bíblia. Ele estava lá fora um dia e ouviu crianças brincando em um jardim adjacente. Parte do jogo delas eram as palavras *tole lege* , *pegue e leia*, *pegue e leia*, e ele fez.

Ele fez. Ele pegou a Bíblia, e nós não recomendamos esse método de leitura da Bíblia, mas seus olhos caíram em Romanos 13:14, e ele leu, andemos corretamente

como em pleno dia, não em orgias e bebedeiras, não em imoralidade sexual e sensualidade, não em brigas e ciúmes, mas revistam-se do Senhor Jesus Cristo e não façam provisão para a carne satisfazer seus desejos. Desnecessário dizer que ele estava envolvido em imoralidade sexual e sensualidade, e ele estava fazendo bastante provisão para a carne se entregar aos seus pecados. o evangelho não está naquele versículo, mas Deus o usou.

Obviamente, ele tinha ouvido o evangelho anteriormente e Deus o usou para tocar seu coração. Agora, ele mentiu para sua mãe e disse a ela que não iria para Roma, mas ele foi, e lá ele chegou e veio em conjunto com o bispo Ambrósio e através de sua pregação e preocupação com Agostinho, Agostinho veio não apenas a conhecer o Senhor, mas se tornou um pastor para ser honesto, um padre católico romano e um bispo na igreja cuja influência é talvez a maior de qualquer indivíduo na história da Igreja Cristã. Como é isso? Tanto Lutero quanto Calvino o creditam pela Reforma.

Calvino, de fato, disse que eu poderia obter todos os meus ensinamentos dos escritos de Agostinho. Agora, ambos discordaram dele em alguns pontos, mas essa é uma declaração incrível. Ou BB Warfield disse que a Reforma foi um reavivamento dos ensinamentos agostinianos de predestinação e graça contra os ensinamentos agostinianos da igreja e dos sacramentos.

Isso precisa ser analisado, mas é verdade em seus contornos gerais. Agostinho e Pelágio. A formação mundana de Agostinho e o ensino de retórica foram uma coisa que o atraiu para Ambrósio porque Ambrósio era um pregador brilhante.

Ele era retoricamente sólido e eloquente, e seu discurso era atraente, o que, em última análise, atraiu Santo Agostinho para o evangelho. Sua imersão no maniqueísmo e no neoplatonismo, ambos sistemas falsos de pensamento, são bem conhecidos por suas Confissões autobiográficas, um dos livros mais famosos já escritos. Confissões de Agostinho.

Ambrósio, bispo de Milão, direcionou Agostinho às cartas de Paulo, através das quais ele se tornou convicto de sua grande culpa diante de um Deus santo, especialmente pelos versículos em Romanos 13:13 e 14 que eu havia lido anteriormente. Agostinho retornou ao Norte da África como um crente e, com o tempo, tornou-se bispo de Hipona. Seus escritos lhe trouxeram popularidade e, através deles, o conceito de monergismo na salvação ganhou aceitação até Roma.

Aqui, o monge britânico Pelágio encontrou o conceito em 405. Monergismo é contrastado com sinergismo. Monergismo fala de alguém trabalhando sozinho na salvação.

Sinergismo fala de Deus e do homem trabalhando juntos na salvação. Eu co-escrevi um livro com Michael Williams chamado *Why I Am Not an Arminian*. Isso tem, eu vou te dar um pouco da história de fundo.

Jerry Walls, um irmão em Cristo, um irmão wesleyano em Cristo, e eu não sei como dizer isso francamente e honestamente, exceto para dizer um anti-calvinista, propôs e escreveu um livro para a InterVarsity chamado *Why I Am Not a Calvinist*. A InterVarsity veio à escola onde eu ensinava e ao chefe do departamento de teologia que disse que seu nome é David Jones, ele agora está com o Senhor, que tal Peterson, Williams, você e eu fazermos este livro. Nós dissemos bem e por algum motivo então Jones desistiu e fomos Williams e eu. Nós entendemos mal a tarefa porque não queríamos escrever *Why I'm Not Another Kind of Christian*, tudo bem, isso é desagradável para mim.

Queríamos escrever *Why I Am a Calvinist*. A InterVarsity sabiamente disse não, não, *Why I'm Not a Calvinist* tem que ter como contrapartida *Why I'm Not an Arminian*. Os livros não são livros de debate, são livros complementares.

Não debatemos um com o outro, mas escrevemos de dois pontos de vista distintamente diferentes. Felizmente, nós dois nos aceitamos como irmãos e, de fato, embora Jerry seja um anti-calvinista muito forte, Williams e eu não somos anti-arminianos fortes ; não somos arminianos ; somos calvinistas, mas não somos. De qualquer forma, fiquei encantado alguns anos depois disso ao conhecer Jerry Walls na reunião da Evangelical Theological Society.

Fiquei encantado, e fiquei muito feliz que ele me viu, estendeu a mão direita de companheirismo, e disse que Robert me encontrou e me cumprimentou como um irmão com entusiasmo. Isso fez bem ao meu coração porque ele é um cliente forte, e eu respeito isso. Então, de qualquer forma, a InterVarsity disse não, tem que ser Por que eu não sou um arminiano.

Bem, alguns dos meus alunos disseram bem , você chamou de Por que não sou arminiano, mas ainda assim escreveu Por que sou calvinista. De qualquer forma, ao escrever este livro, Williams, que é um homem muito talentoso, colheu do debate deles a seguinte classificação científica em um capítulo que trata de Agostinho e Pelágio. Por que essa palavra sempre me faz alusão? Uma classificação científica também é chamada de; desculpe, tive que procurar essa palavra porque esqueci, um vocabulário.

Uma taxonomia, aí está. Pelo menos eu sei onde obtê-la. Uma taxonomia.

Williams criou essa taxonomia, que é muito boa. De um lado está, e infelizmente, Pelágio, espero que ele fosse um crente; sua teologia não era boa, e não é justo

chamar católicos romanos ou wesleyanos ou quaisquer pelagianos arminianos da maneira como Lutero o fez. Lutero era um cliente muito forte.

Eles podem ser semipelagianos, os melhores deles são semiagostinianos, como veremos, mas o pelagianismo é um monergismo humanístico, é o homem sozinho, como veremos, salva. Na outra ponta do espectro está o monergismo divino de Agostinho e do calvinismo. Então, o monergismo agostiniano e calvinista diz que Deus sozinho salva.

Claro, as pessoas acreditam ser salvas, mas tanto no entendimento de Agostinho quanto de Calvino, até mesmo essa fé, que os seres humanos devem exercer junto com o arrependimento para serem salvos, é um presente de Deus. Eles nunca acreditariam por si mesmos, dado que estavam mortos em suas transgressões e pecados. Agora, entre o humanismo monergístico de Pelágio e a soberania monergística de Deus de Agostinho, está o semipelagianismo e o semiagostinianismo.

Ambos mantêm Deus e os seres humanos juntos e cooperam para a salvação. Uma pessoa pode ser um verdadeiro crente em Cristo e ser um semi-agostiniano? Certamente que podem. É a posição oficial da Igreja Católica Romana, e é a melhor posição arminiana.

Existem muitos arminianismos . Uma pessoa pode ser crente e ser semipelagiana? Sim. Clark Pinnock é um exemplo, um famoso apologista cristão, escolhido, mas livre, foi escrito por um bom irmão em Cristo e um grande apologista.

Ele fez muito bem para a igreja. Chosen but Free foi escrito por Norman Geisler. Norman Geisler e Clark Pinnock, por sua própria admissão, eram semipelagianos, assim como Charles Finney, de quem a ilustração a seguir se origina.

Minha esposa é do sudoeste do estado de Nova York, Olean, Nova York. Talvez você conheça Olean Tile ou St. Bonaventure's University. Sim, os Bonneys estão localizados em Olean, Nova York, duas horas a sudeste de Niagara Falls e Buffalo.

Finney foi um famoso evangelista americano, infelizmente, porque sua teologia era muito ruim. Um belo demônio com grandes poderes de persuasão e uma grande influência. Alguns para o bem, outros para o mal, que não vou entrar em detalhes agora, exceto para dizer que ele imaginou que ele imaginou isso, uma pessoa pobre cai no Rio Niágara e está indo para as cataratas, tudo bem? Quatro pontos de vista.

Deus é retratado como uma pessoa na terra que está pronta para ajudar a pessoa na água. De acordo com Pelágio, ele é capaz de nadar sozinho. Isso é um monergismo humano, entendeu? De acordo com o semipelagianismo e o semiagostinianismo, tanto Deus quanto o nadador estão envolvidos.

A diferença está no semipelagianismo, o nadador deve dar o primeiro passo. Deus, salva-me! Deus sempre responde salvando o pecador e resgatando o pecador em termos da imagem. O semiagostinianismo diz que Deus dá o primeiro passo.

Esta é a graça preveniente universal de Arminius e, mais famosamente, de John Wesley, que faz uma verdadeira teologia cristã não de obras, mas de graça por meio da fé e obras em muitas, muitas áreas. Eu a criticarei por sua falta de amarras bíblicas em minha opinião, mas, em todo caso, Deus dá o primeiro passo. Mas a isso, o pecador cuja vontade foi libertada pela graça deve responder para ser salvo.

Então, tanto o semipelagianismo quanto o semiagostinianismo são sinergismos com Deus e o homem trabalhando juntos. O agostinianismo e mais tarde o calvinismo, seu enteado, seu descendente, dizem que somente Deus trabalha. O sujeito na água está espiritualmente morto.

Até mesmo a fé que ele exerce é um presente de Deus. Deus o salva. Deus pula na água, o resgata, o puxa para a terra e lhe dá o presente da fé.

Não sei se era se ele estava na água ou na terra; não importa, mas você entendeu a ideia. Nos extremos estão dois monergismos, um humano, Pelágio, um divino, Agostinho. No meio estão semiposições ou sinergismos.

Os seres humanos dão o primeiro passo em direção a Deus, semi-pelagianismo. Deus dá o primeiro passo em direção aos seres humanos, semi-agostinianismo. Mas em ambos os casos, Deus e o homem trabalham juntos.

Então, voltamos a Pelágio. Agostinho é famoso por seus escritos antipelagianos. Eles foram motivados por esse bom homem que se preocupava com a moralidade e se ofendia com as vidas pecaminosas dos cristãos professos em Roma.

Pelágio era conhecido por seu interesse em monasticismo, que não nos diz respeito no momento e do qual não sou muito fã, mas não faz parte disto. Não estou fazendo um julgamento sobre isso — e sobre o moralismo cristão.

Os cristãos devem praticar o que eles afirmam e pregam. Chegando em Roma, a capital da cristandade em 405 para ensinar, ele ficou chocado com a terrível condição moral da cidade. Depois de ouvir os cristãos repetindo a oração de Agostinho, conceda o que você comanda e ordene o que você irá dirigir a Deus.

Ordene o que quiser, ó Senhor, e conceda o que ordenar. Dê-nos a capacidade de obedecer ao que você quer que façamos. Pelágio ficou ofendido.

Ao ouvir isso, conceda o que você comanda e comande o que você quiser. Ele concluiu que era a teologia de Agostinho que fomentava o pecado, e ele se opôs ao ensinamento de Agostinho como uma preocupação com a ética cristã. Direi novamente uma segunda vez agora. O catolicismo romano não é pelagiano, e certamente, nossos irmãos e irmãs em Cristo na Igreja Metodista Livre, na Igreja Metodista Wesleyana e nos Metodistas Unidos que acreditam no evangelho também não são pelagianos .

Os melhores deles são semi-agostinianos, e os piores ainda podem ser salvos sendo semi-pelagianos. De qualquer forma, não estou dizendo que alguém é um pelagiano completo. Espero que não.

Não sei se eles seriam salvos porque estariam confiando em suas obras, entendeu? Como o apóstolo Paulo, a doutrina de Agostinho sobre pecado e graça cresceu em parte de sua experiência de conversão. Seu grande senso de pecaminosidade, leia as Confissões, oh meu Deus, sua descrição de si mesmo como um jovem com um bando de seus irmãos, figurativamente falando, roubando figos do quintal do vizinho, do jardim do vizinho, não para comer figos, mas puramente pela alegria pecaminosa de roubar. *The Waste of It All* é clássico porque foca no desejo pecaminoso e no prazer do pecado.

Agora, ele não estava assassinando ou roubando ninguém, mas estava roubando seu vizinho. Mas o ponto era apenas a pura alegria de pecar. É uma exposição famosa.

O grande senso de pecaminosidade de Agostinho e da misericórdia redentora de Deus o levou a formular uma doutrina monergística da graça na qual a salvação era toda obra de Deus e nada dos humanos. Agostinho transmitiu esse entendimento da graça salvadora de Deus em suas Confissões e, mais tarde, mais sistematicamente com exposição bíblica em seus escritos antipelagianos. Caso alguém esteja interessado, estes estão em ordem cronológica: sobre o espírito e a letra, 412 d.C.; sobre a natureza e a graça, 415, sobre a graça de Cristo e o pecado original; 418, sobre a graça e o livre-arbítrio, 427; e sobre a predestinação dos santos, 429.

Agostinho ensinou que o livre-arbítrio é simplesmente a habilidade dos humanos de fazer o que quiserem. Não envolve liberdade moral desde a queda. Somos livres para agir de acordo com nossa natureza, que, desde a queda, está corrompida e escravizada ao pecado.

Essa visão do livre-arbítrio tem sido atacada desde a época de Agostinho. Novamente, só para ser justo, essa é uma visão ruim. A visão que ele está atacando, de que não caímos tanto no pecado, de que precisamos da graça divina para nos ajudar, é realmente problemática.

E então ele ensina o que chamamos mais tarde de incapacidade total. Pessoas não salvas são incapazes de contribuir com qualquer coisa para sua salvação. Elas são incapazes até mesmo de crer porque estão mortas em suas transgressões e pecados, Efésios 2:1 a 3. Elas estão presas no pecado pelo diabo, 2 Coríntios 4:4, que cega suas mentes para que não possam crer em Cristo.

Falta-lhes o espírito, 1 Coríntios 2:13 e 14, de modo que não entendem as coisas do espírito de Deus e não podem entendê-las. Agora, para ser justo, estou dizendo que qualquer um que não seja agostiniano ou calvinista não acredita na graça salvadora? Não estou dizendo isso. E é instrutivo que, embora os livros de teologia sistemática calvinista sob a doutrina da humanidade e do pecado falem sobre a incapacidade dos pecadores, os melhores livros de teologia sistemática arminiana falam sobre a capacidade graciosa.

Isto é, não é inerente, e Wesley escreveu muitas coisas, mas seu único livro ou tratado oficial de teologia era sobre o pecado original. Ele acreditava nisso. Mas, da mesma forma, os efeitos do pecado original na vontade humana, que eram devastadores, foram amenizados pela graça universal preparatória, precedente e preveniente, de modo que, embora tecnicamente todos fossem espiritualmente incapazes, na verdade no mundo, ninguém era espiritualmente incapaz de crer porque a graça preveniente de Deus interveio e os capacitou a crer.

Daí, habilidade graciosa. Entendeu? Esse é o sistema. É a doutrina da graça preveniente é um movimento brilhante e faz a compreensão wesleyana do evangelho e toda uma teologia sistemática.

É a cola que mantém tudo junto. É brilhante. Eu tinha um aluno doce chamado Brian, meu Deus, perdi o sobrenome dele agora.

Ele escreveu um livro sobre a graça preveniente. Ele o dedicou ao seu irmão arminiano no seminário, que o apresentou à graça preveniente, e ele o dedicou a mim, que o encorajou a escrever aquele livro. E ele disse a Robert Peterson, meu antigo professor de teologia, que, embora discorde de mim sobre essa doutrina, me tratou de forma justa ou algo assim.

Brian Shelton. É um bom livro. É forte em teologia histórica.

É forte em teologia sistemática. E faz uma tentativa valente de ser forte bíblicamente. Não acho que passe no teste nesse sentido.

Mas eu certamente dou a Brian um doce irmão em Cristo, a mão direita da comunhão, porque ele é um companheiro crente em Cristo. Em todo caso, a visão de Santo Agostinho sobre a liberdade da vontade, não sendo liberdade moral, a habilidade de escolher Deus, mas meramente a habilidade de agir como fora de

nossa natureza pecaminosa desde a queda, tem sido atacada desde então. E em plena divulgação, para ser justo, os grandes filósofos calvinistas, este não é um ponto feliz para mim, mas Cornelius Plantinga, Nicholas Wolterstorff, capitularam e passaram para a visão do outro lado sobre o livre arbítrio a fim de manter a consistência filosófica.

Eu os amo como irmãos no Senhor? Sim. E os respeito como companheiros calvinistas? Sim. Eu concordo com eles nessa mudança? Não.

De qualquer forma, Deus os abençoe. E isso é só para ser justo. É difícil sustentar uma compreensão calvinista da escravidão da vontade e ser um filósofo de classe mundial.

Não sou filósofo. Meu objetivo como professor de teologia sistemática, como já lhe disse antes, é ser um teólogo exegético, nem mesmo um teólogo sistemático completo. Eles têm que saber muito sobre outras disciplinas.

E eu tentei ser filosoficamente informado pelo menos para saber como as suposições filosóficas influenciam a teologia, tudo bem? Mas eu não sou filósofo, e respeito os filósofos cristãos que fazem seu trabalho. Embora eu tenha que dizer a você, às vezes eu os acho mais conducentes, suas visões mais de acordo com a sola philosophia do que com a sola scriptura, o suficiente dito. Correspondendo a essas visões da queda, livre-arbítrio e pecado, Agostinho sustentou que a salvação é um dom da graça eficaz ou eficaz de Deus.

A graça não capacita pecadores a cooperar com Deus. Ela afeta a vontade soberana e graciosa de Deus. Ela salva pecadores.

Agora, ela salva pecadores, e isso significa que dá a eles o dom do arrependimento e da fé. Agostinho, portanto, ensina que a graça preveniente de Deus não é universal, mas particular e eficaz. Eu ensinei com colegas professores de teologia reformada que pensavam que a graça preveniente era apenas posse de Wesley e Arminius.

Não é assim. Santo Agostinho ensinou que a graça de Deus vem antes da salvação, pelo amor de Deus. E embora existam dimensões da graça de Deus, a chamada graça comum, que de fato é universal, a graça salvadora não é universal.

É particular, e não nos capacita meramente a escolher Deus. Ela nos escolhe para Deus. É eficaz.

Agostinho ensina, portanto, que a graça preveniente de Deus, vem do latim *prevenire*, vir antes. É preparar a graça, preceder a graça é um bom sinônimo. A graça preveniente não é universal, mas é particular e eficaz.

E por que alguns recebem a graça de Deus e outros não? Agostinho foi direto, citação, a razão pela qual uma pessoa é designada, assistida pela graça e outra não é ajudada. A razão pela qual uma pessoa é assistida pela graça e outra não é ajudada deve ser referida aos julgamentos secretos de Deus. Isso é chamado de eleição divina.

Agostinho defendia a eleição divina absoluta. Antes da criação, Deus escolheu alguns para a vida eterna e outros para o castigo eterno. Peterson concorda com isso? Sim, mas eu diria de uma forma diferente.

Mas não sou eu agora, e é Agostinho. Assim como, para ser justo com meus irmãos e irmãs arminianos, eu digo que eles não são pelagianos. Para ser justo com muitos calvinistas, somos agostinianos, mas temos nuances diferentes aí.

Mas, de qualquer forma, Calvino está certo com Agostinho sobre isso. Antes da criação, Deus escolheu alguns para a vida eterna, outros para o castigo eterno. Só para seu conhecimento, meu entendimento é ver toda a massa da humanidade, a massa damnata, a maldita massa, Deus deu graça a alguns e ignorou outros, permitindo-lhes colher o que plantaram e receber a condenação que merecem.

Ele deu a, assim ele deu a alguns o que eles merecem, julgamento, e deu a outros o que eles não merecem. Isso é chamado graça e salvação. Os eleitos recebem o que eles merecem, desculpe, os eleitos recebem o que não merecem, a graça e a salvação de Deus.

Os não eleitos recebem exatamente o que merecem: o julgamento de um Deus santo e justo. Predestinação e graça são assuntos divinos, não humanos, e não ousamos bisbilhotar os conselhos secretos de Deus. Não posso deixar de falar sobre Calvino e uma mulher que veio até ele.

Calvin não era o único pregador em Genebra, havia várias igrejas, e ela tinha ouvido mensagens de predestinação e eleição. Ela estava morrendo de medo, e ela foi até o pastor Calvin e disse, pastor, eu não sei se sou eleita. Estou com tanto medo de perecer.

E ele disse a ela, Cara senhora, nós não entendemos a eleição tentando sondar os conselhos secretos de Deus antes da criação do mundo. Calvino usou sua imagem familiar de um labirinto, um labirinto. Isso é um labirinto.

Você se perde lá dentro. Não conseguimos entender a mente de Deus. Em vez disso, Cristo é o espelho da eleição.

Você acredita no Senhor Jesus? Ah, sim, eu acredito. Eu acredito no Senhor Jesus Cristo. Eu acredito que ele morreu pelos meus pecados.

Minha confiança estava somente nele, e não havia nada que eu pudesse fazer. Ele diz: Cara senhora, você é escolhida. É por isso que você acredita.

Cristo é o espelho da eleição. Entendemos nossa eleição não tentando compreender os conselhos eternos de Deus, o que não podemos fazer, mas crendo em Cristo, o que podemos fazer, pois Deus nos capacita a nos afastar do pecado e a receber seu filho como ele nos é oferecido no evangelho. Fundamental para a teologia de Pelágio, por outro lado, é a ideia de que a responsabilidade dos humanos diante de Deus assume sua capacidade também.

Ouvi dizer que Deus não ordena nada que não sejamos capazes de fazer. Bem, isso é uma falácia. Sejam perfeitos como eu sou perfeito, diz o Senhor.

Sejam santos como eu sou santo, diz o Senhor. Levítico e 1 Pedro 1. Sejam perfeitos como o Pai de vocês no céu é perfeito. O último versículo em Mateus capítulo 6. Não podemos fazer essas coisas.

Por que Deus ordenaria aos cristãos que fizessem algo que eles não podem fazer? Que fossem tão santos quanto ele. Que fossem perfeitos como seu pai no céu é perfeito. Duas razões.

Número um, para nos humilhar. Somos salvos pela graça por meio da fé, e vivemos a vida cristã da mesma forma. Não atingiremos a perfeição moral nesta vida.

Número dois, Deus nos dá seu padrão impossível para a vida cristã. Ou que tal isso? Maridos, amem suas esposas como Cristo amou a igreja e se entregou por ela. Você está brincando comigo? Quem ama sua esposa assim? Esse é o objetivo.

Para nos humilhar, nos colocar em nosso lugar e nos ensinar, precisamos de sua graça habilitadora todos os dias de nossas vidas. Se Deus não nos concedesse a habilidade, Pelágio disse, de responder ao que ele exige como ele exige, ele seria injusto. Eu simplesmente estremeço com essas demandas humanas sobre Deus.

Já que Deus nos ordena crer no evangelho, então devemos ter a habilidade de crer nele. Que tal uma maneira melhor? Testando nossa teologia pela Bíblia em cada ponto. Mesmo que às vezes isso nos leve a áreas que não conseguimos entender completamente.

Como no mistério da Trindade, como no mistério das duas naturezas da pessoa de Cristo, e é um mistério menor, com certeza, não essencial para a salvação, mas como no mistério da soberania divina e da responsabilidade humana. Este não era o caminho de Pelágio. Isso, por sua vez, levou Pelágio a negar a visão de Agostinho sobre o pecado original, a ideia de que todos os descendentes de Adão herdaram a

culpa e a corrupção de seu pecado primordial, que é precisamente meu entendimento de Romanos 5:12-19.

Em vez disso, Pelágio sustentou que o pecado de Adão nos afeta apenas por nos dar um mau exemplo. Adão deu um mau exemplo? Sim. Isso é pecado original? Não.

O pecado original é o seu pecado, que é o nosso pecado. Para ser justo, colocando Romanos 5:12-19 no contexto de Romanos, antes de tudo, depois de anunciar o tema do livro, a justiça salvadora de Deus no evangelho em Romanos 1:16 e 17, de 1:18 a 3:20, Paulo não fala do pecado original, mas do pecado atual, os pecados de homens e mulheres em rebelião contra Deus. Então, talvez para responder à pergunta, Deus nos fez assim, pecadores? No capítulo 5, 19-21, ele fala sobre o pecado original.

Então, somos condenados tanto por nossos próprios pecados quanto, certamente, mais em última instância, pelo pecado de nosso primeiro pai, Adão. Agostinho sustentava que todos os descendentes de Adão herdaram a culpa e a corrupção de seu primeiro pecado. Isso é chamado na teologia cristã de pecado original.

Em vez disso, Pelágio sustentou que o pecado de Adão foi um mau exemplo, apenas para Pelágio, todos os humanos são livres para escolher o bem ou o mal. O mesmo que Finney, e Finney não atribuiu isso à graça universal preeminente. E nada os inclina ao mal.

Somos todos nosso próprio Adão, por assim dizer. E assim, todos falhamos ou passamos no teste com base em nosso desempenho. Isso é um monergismo humano.

Pelágio não leu a palavra graça na Bíblia? Ah, ele leu, ele leu. Para ele, graça é, aqui vem em uma ou duas frases. Pelágio rejeitou a visão de Agostinho de que graça é o amor poderoso de Deus que nos salva e nos mantém.

Em vez disso, de acordo com Pelágio, a graça inclui o livre-arbítrio, os mandamentos de Deus e o exemplo de Jesus. Isso não é graça. Todas essas coisas são importantes.

Livre arbítrio, não da forma como ele o entendia. Como seria de se esperar, a doutrina de eleição de Pelágio colidiu com a de Agostinho. Pelágio enfatizou a presciência de Deus sobre a fé ou descrença humana como a chave para a eleição.

Então, quando a Bíblia diz que Deus nos escolheu para a salvação, o significado é que ele previu que acreditaríamos nele e nos escolheu com base nisso. Citação, predestinar é o mesmo que reconhecer. Portanto, Deus previu aqueles que Deus previu que seriam conformados à imagem de Cristo em vida.

Ele pretendia ser conformato em glória. Então, para então, ele agora escolheu aqueles, estou citando Pelágio, a quem ele previu que creriam dentre os gentios e rejeitou aqueles que ele previu que seriam descrentes de Israel. Essa é sua exegese de Romanos 9 — o comentário de Pelágio sobre a epístola de São Paulo aos Romanos em 829, 910 e 915.

Greg Allison, em seu livro de teologia histórica, esclarece a teologia de Pelágio citando sua interpretação de Romanos 9:15, onde Paulo cita Êxodo 33:19, e Deus diz: "Terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia, e terei compaixão de quem eu tiver compaixão". Pelágio entende, citação, terei misericórdia daquele que eu previ que será capaz de merecer compaixão.

Sinto muito, isso é o que chamamos de teologia do mérito. A salvação é baseada no mérito humano. Novamente, é um monergismo humano.

Nenhum cristão sustenta isso, felizmente. As teologias de Agostinho e Pelágio estavam em rota de colisão. Ambas atraíram apoiadores, e suas disputas duraram 20 anos.

Finalmente, no entanto, a igreja decidiu por Agostinho e contra Pelágio, já que o concílio ecumênico de Éfeso condenou suas visões em 431. No entanto, as coisas não eram tão simples e, eventualmente, a Igreja Católica Romana optou por um semi-agostinianismo ao longo das linhas que descrevi anteriormente. Essa seria a melhor teologia católica.

A teologia popular, no entanto, muitas vezes não é a mesma que a teologia formal, e na teologia popular de muitos católicos, ela está mais próxima do semipelagianismo ou, que Deus o diga, até mesmo do pelagianismo. Eu tive alunos de formação metodista que acreditam na Bíblia e querem servir ao Senhor e amar a graça de Deus, que dizem que o ensino reformado que eu e outros demos a eles os ajudou a passar do semipelagianismo para o semiagostinianismo, mas que eles temiam alguns em suas igrejas, companheiros metodistas, que acreditavam no evangelho, graças a Deus, eram mais semipelagianos do que semiagostinianos, e isso os deixava tristes. Martinho Lutero.

Martinho Lutero, de 1483 a 1546, foi um monge agostiniano que se tornou professor de Bíblia e depois um reformador protestante. Ele protegeu a graça livre de Deus na justificação, ressaltando a eleição de Deus de pecadores que sofriam sob a escravidão da vontade. Desiridius Erasmus, de 1466 a 1536, o famoso humanista holandês, geralmente acolheu a crítica de Lutero aos abusos romanos, mas rompeu com ele em 1524.

Erasmus era um homem muito brilhante, e o próprio Lutero disse, você é uma joia que seria bem-vinda como uma joia em qualquer corte da Europa por causa de sua

erudição. No entanto, ele continuou no parágrafo seguinte dizendo, mas em termos de teologia, sente-se e cale-se porque você não sabe o que está fazendo. Lutero era um cliente forte.

Especificamente, ele estava se referindo ao livro de Erasmo sobre a liberdade da vontade, que Lutero achava que destruía a fé cristã. Erasmo concordou com Lutero quando rompeu com Roma sobre justificação, quando se opôs à venda de indulgências onde camponeses alemães estavam usando dinheiro que precisavam para comprar leite para seus filhos e, em vez disso, estavam tentando tirar a vovó e o vovô do purgatório. Ah, Lutero disse, se ao menos o bom pai, o santo pai em Roma e o papa soubessem o que estava acontecendo.

Mal sabia ele que o papa renascentista em Roma tinha a mão na caixa registradora por 50% da venda de indulgências. Erasmo se alegrou quando Lutero zombou do papa de algumas maneiras que não posso dizer nessas palestras porque ele tinha uma boca suja, e os camponeses alemães adoravam seu humor escatológico. Direi mais sobre uma sala de aula fechada de seminário do que sobre uma gravação pública de palestras teológicas.

Em todo caso, Erasmo escreveu sobre a liberdade da vontade em 1524, e sem dúvida naquele ponto, houve uma ruptura entre ele e Lutero. Ele aplaudiu Lutero de muitas maneiras, mas não neste determinismo extremo que ele considerava, o agostinianismo. Lutero aplaudiu Erasmo por apontar para a questão-chave, o debate entre monergismo e sinergismo.

O que os seres humanos fracassados contribuem para a graça de Deus na salvação? A posição de Erasmo sobre o livre-arbítrio refletia a dos semipelagianos do século VI que se apegavam a um livre-arbítrio enfraquecido como resultado da queda de Adão. Não tenho prazer em dizer que essa era a visão de Norm Geisler, que estava com o Senhor. Essa era a visão de Clark Pinnock, que estava com o Senhor.

Tenho algum prazer em dizer que essa era a visão de Finney, que espero que esteja com o Senhor. Tenho certeza de que ele está com o Senhor. Deus nos salva, como Jim Packer disse, apesar de nossas teologias muito falhas.

Embora o livre arbítrio seja danificado pelo pecado, ele não é extinto por ele. Embora tenha se tornado tão coxo no processo que, antes de recebermos a graça, somos mais prontamente inclinados ao mal do que ao bem, ele não é completamente eliminado. Gordon Rupp e Philip Watson, editores, Luther e Erasmus, Free Will and Salvation, parte da biblioteca de clássicos cristãos, que inclui os dois volumes das Institutas de Calvino e muitos outros livros importantes.

Embora Erasmo tenha apelado à necessidade da humanidade pela graça cooperante de Deus, que tornou o arrependimento possível, Lutero, devo dizer injustamente,

rotulou as visões de Erasmo de pelagianas e o criticou por não ter coragem de tomar posição pela verdade do evangelho. Lutero era tão forte. Ao avaliá-lo, devo dizer que ele tinha que ser um cliente forte para fazer o que fez, e poucos teriam tido coragem de se opor ao papa, à igreja, a toda a tradição da igreja e, especialmente, à teologia católica romana medieval tardia que lhe foi ensinada como monge.

Mas com essa grande força, veio um excesso de zelo, uma falta exagerada de uh amor e aceitação, por exemplo, por Zwingli e outros, e o que ele deveria ter chamado de semi-agostinianismo ou talvez semi-pelagianismo ele simplesmente chamou de pelagianismo sem questionar. Lutero respondeu escrevendo sobre a escravidão da vontade, um ataque direto à teologia de Erasmo. Lutero concordou com Erasmo que o livre-arbítrio absoluto existe, mas Lutero insistiu que somente Deus o possui.

Não se ouve muito sobre o livre-arbítrio de Deus. Karl Barth também falava assim. Ele aceitou a doutrina agostiniana do pecado original e, com ela, o corolário de que a vontade humana estava presa ao pecado e incapaz de se livrar.

Lutero estava preocupado com exegese e conclusões teológicas particulares, mas estava muito mais preocupado com o lugar da eleição e do livre-arbítrio sistematicamente. Lutero justapôs, ele colocou uma contra a outra, a teologia do monergismo da glória com a teologia do sinergismo cruzado. A teologia da glória é o monergismo humano de Pelágio.

O primeiro exalta a realização humana na salvação e o orgulho humano. O último foca em Cristo na cruz, dá glória a Deus e esmaga o orgulho humano. A cruz de Cristo, a base da justificação e da fé salvadora, destaca a total incapacidade do homem de aspirar à graça.

A eleição é importante porque mostra a grande graça de Deus e a grande impotência humana. Nossa, discordo das minhas próprias anotações aqui. Não sei se é um erro de digitação ou o quê.

Acho que confundi essas palavras. Lutero justapôs a teologia da glória, um sinergismo em que Deus e o homem trabalham juntos pela salvação, com a teologia da cruz, um monergismo. A teologia da glória exalta a realização humana na salvação e o orgulho humano.

Trabalhamos juntos com Deus. Nossa vontade não é totalmente limitada. Somos livres para escolhê-lo.

E isso não é por causa da graça pré-mediana universal. É que não caímos tanto assim. A última, a teologia da cruz, é um monergismo.

Ela se concentra não na habilidade humana, mas no Cristo crucificado. Ela dá a Deus toda a glória porque não podemos nos salvar e esmaga as aspirações humanas à graça. A eleição é importante para Lutero porque mostra a grande graça de Deus e a grande impotência dos humanos.

Minha correção disso estava correta. Monergismo e sinergismo estavam fora do lugar. Eu me pergunto se isso foi para o editor assim.

Uma correção está por vir. No entanto, a forte doutrina agostiniana de eleição de Lutero foi diluída por Philip Melanchthon, seu brilhante discípulo, brilhante discípulo, estudioso grego e herdeiro da Reforma Luterana. Ele se voltou da visão monergística de eleição de Lutero para um gracioso sinergismo.

Em loci communis, lugares-comuns teológicos, Melanchthon ensinou que há três causas de salvação. Escritura, o Espírito Santo e livre-arbítrio. Esse não é o ensinamento de seu mestre.

Por que uma pessoa acredita e outra não? Ele respondeu, a razão está em nós. Ao encerrarmos esta palestra, abordaremos João Calvino e, em seguida, os debates na igreja holandesa no início do século XVII que levaram aos cinco pontos do arminianismo e do calvinismo na próxima palestra.

Este é o Dr. Robert Peterson e seu ensinamento sobre a salvação. Esta é a sessão 4, Eleição.